

William Wordsworth

POEMAS
ESCOLHIDOS

selecção, tradução, introdução e notas

Daniel Jonas

ASSÍRIO & ALVIM

INTRODUÇÃO

DANIEL JONAS

Matthew Arnold, influente crítico literário oitocentista inglês e virtual fundador da crítica anglófona moderna, pouco dado a euforias encomiásticas, terá atribuído eventualmente a Wordsworth (Cockermouth, 1770 — Grasmere, 1850) o bronze num pódio nacional em que Shakespeare e Milton levariam, respectivamente, o ouro e a prata. Mas apesar de categórico, e conhecendo ainda hoje poucas objecções, tendencialmente chamadas Dryden, Keats e Browning, o juízo de Arnold não impediu a impugnação prática da apreciação pública do seu tempo que, exceptuando a década de popularidade excepcional entre 1830 e 1840, foi sempre mais atreito a preferir as qualidades poéticas de um Walter Scott e de um Lord Byron primeiro, e de um Lord Tennyson depois, Alfred que acabaria por liderar o gosto do público a partir de 1840, diminuído no seu apetite pelo poeta laureado pela Rainha Vitória, Wordsworth, que morreria em 1850 sem direito à peregrinação afectiva que havia conhecido nos seus dias de glória.

Uma das razões para os provisórios louros em vida de Wordsworth foi o beneplácito continuado do seu estimado amigo, Samuel Taylor Coleridge, poeta, crítico e filósofo muito apreciado em Cambridge e uma espécie de estrela mediática do seu tempo. Juntos, o reputado Coleridge e o discreto Wordsworth escreveram juntos — mais Wordsworth do que Coleridge, diga-se — um volume entusiasmante de baladas líricas vindas a lume em

1798, as quais, arrimadas no célebre prefácio de Wordsworth, se tornou uma espécie de manifesto estético responsável pela introdução do movimento romântico inglês. A publicação de tão famoso volume, que viria a revolucionar de modo tão decisivo a poesia inglesa, deveu-se, apesar de tudo, a uma prosaica necessidade: Wordsworth e Coleridge precisavam de financiar uma deslocação prolongada à Alemanha.

A posição da teoria wordsworthiana original assentava numa dicção que via como desejável a aproximação do poema à pessoa comum, usando para isso uma linguagem acessível e coloquial, desobstruída das construções pomposas e afectadas que se haviam aclimatado ao ecossistema literário setecentista. O seu *medium*, o vernáculo da prosódia, a vitalidade da voz cantando a realidade aliada a um elemento rústico-lírico, o elogio do trabalhador braçal, do camponês, do pobre órfão, o regresso à natureza e à simplicidade da moça do campo, a fulminante beleza da celidónia, é um ensaio de correcção e afinação do gosto poético apontado ao cidadão comum, presumível leitor ideal da nova e moderna poesia.

O mesmo Arnold, numa tentativa de desvalorizar suspeitas de que a poesia de Wordsworth fosse uma filosofia, usou uma proposição que pretendia geral, e que certamente deixaria furioso qualquer amigo de Platão, a partir da qual a poesia seria a realidade e a filosofia a ilusão. Esta poesia seria tanto mais a realidade quanto o real é, em Wordsworth, a preocupação dominante. Daqui se segue que a aplicação das leis de verdade e beleza poéticas na natureza e na natureza humana, ou seja, da aplicação das ideias à vida, é a matéria da poesia wordsworthiana. A poesia, tal como a actividade crítica, liga-se umbilicalmente a um compro-

misso com a história, a religião, a sociedade, a cultura e a política, parte das grandes ideias que fazem avançar uma grande nação. Estas actividades seriam um garante de uma cidadania saudável, empenhada nessa construção, sendo a poesia um modo particularmente forte e prestigiado de exercer esta plena cidadania. A crítica, para Arnold, é um esforço desinteressado de aprender e propagar o melhor do que é conhecido e pensado no mundo. Esta função social resultaria da observação do principal truísmo arnoldiano que vê a poesia como crítica da vida, sendo que a grandeza de um dado poeta está no poder e na beleza da aplicação das suas ideias à vida, à questão «como viver?», constituindo-se esta ética poética, de certo modo, num esquadramento racional de forte consciência política.

Espírito, além do mais, impressionável, capaz de imaginar a charneca ofegante junto ao seu pescoço ou de se julgar perseguido por penhascos enquanto remava num lago ao luar, o pequeno Wordsworth fora uma criança visitada por sensações de imensidão onde habitavam espíritos fora do alcance da generalidade das pessoas, um espírito nervoso e sensível que viria mais tarde a aliar a essa voragem de susceptibilidade uma força intelectual vital que o coloca numa esteira apenas trilhada por botas especialmente marcantes, e que talvez só as de Yeats foram capazes de acompanhar.

Tal como acontece com todos os poetas fortes, especialmente com força suficiente para nos sugerirem a desconfiança de «clássicos», não é necessário ler-se *realmente* Wordsworth para já o ter lido. Na verdade, Wordsworth vive sob a forma de uma assombração permanente verificável na obra de muitos poetas, nem por isso menores, que justamente poderíamos considerar agonizarem

EM VIAGEM

É este o sítio: — quão ameno o sol
Espreitando entre as folhas mortas! O ar
Na mudez habituada deste bosque
Mais que mudez; e esta cama de feno —
Onde encontrar lugar tão doce e calmo?
Vem, deixa-me ver-te a afundar num sonho
De imagens quietas, até que os teus olhos
Se acalmem como as águas quando os ventos
Se vão, quem sabe aonde. Caro Amigo,
Felizes partilhámos tantas horas
Que entorno o coração só de o pensar.

DE NÓS JÁ TEVE O MUNDO
A SUA CONTA

De nós já teve o mundo a sua conta;
Ganhar, gastar — não tarda estamos gastos:
Perdemos da Natura os dotes castos;
Custou-nos a inocência esta afronta!
O mar que o belo ventre à lua aponta;
Os ventos que uivam rentes e de rastos
Colhidos são quais flores em mansos pastos;
Por tudo isto andamos nós à tonta;
Não se nos dá! Meu Deus! Fosse eu pagão
E em credo gasto houvesse eu mamado;
Assim eu visse aqui no grato chão
Alguma esperança, que ando desolado;
Proteu dos mares surgindo, ou Tritão
Soprando o velho corno ataviado.

ÍNDICE

Introdução.....	5
-----------------	---

POEMAS ESCOLHIDOS

Um velho em viagem	17
Versos.....	19
O casebre em ruínas	25
Um nocturno.....	65
À minha irmã.....	69
As mesas voltadas	73
Versos escritos no começo da Primavera.....	77
Somos sete	81
Versos.....	87
<i>Meu espírito um sopor selou</i>	99
<i>Ela habitou os virgens trilhos</i>	101
<i>Paixões estranhas conheci</i>	103
Passo do Simplon.....	107
Havia um rapaz.....	109
Às avelãs	113
<i>À chuva, ao sol, cresceu três anos</i>	119
Lucy Gray.....	123
Escrito na Alemanha.....	129
Poemas sobre nomes de lugares	
II. A Joanna.....	133
IV. <i>Um cinto justo de pedras e escarpas</i>	141
Michael	147
A uma cotovia.....	183
O ninho do pardal.....	187
A uma borboleta.....	189
Ao cuco	191
<i>Dá pulos o meu coração</i>	195

The small celandine	196
Resolution and Independence.....	200
Travelling.....	218
<i>I grieved for buonaparte, with a vain</i>	220
<i>The world is too much with us; late and soon,</i>	222
<i>With ships the sea was sprinkled far and nigh</i>	224
To sleep	226
Calais Beach	228
To Toussaint Louverture	230
Composed upon Westminster Bridge, Sept. 3, 1802	232
London, 1802.....	234
French Revolution	236
<i>Nuns fret not at their convent's narrow room;</i>	240
Ode	242
<i>Though narrow be that old man's cares, and near</i>	260
<i>I wandered lonely as a cloud.</i>	262
The solitary reaper	266
Elegiac stanzas	270
Lines	276
A complaint.....	280
St Paul's [1808]	282
<i>Surprised by joy — impatient as the wind</i>	286
Yew-trees	288
Love lies bleeding	292

A pequena celidónia	197
Determinação e Independência	201
Em viagem	219
<i>Sofri por Bonaparte, com um vão</i>	221
<i>De nós já teve o mundo a sua conta.</i>	223
<i>A naves salpicado o mar se achava.</i>	225
Ao sono	227
Praia de Calais	229
A Toussaint Louverture	231
Composto na Ponte de Westminster, a 3 de Setembro de 1802 ..	233
Londres, 1802	235
Revolução francesa	237
<i>Não cuida a freira escasso o seu convento;</i>	241
Ode	243
<i>Embora breve e invio o seu declínio.</i>	261
<i>Passava só como uma névoa.</i>	263
A ceifeira solitária	267
Estrofes elegíacas	271
Versos	277
Um lamento	281
Catedral de São Paulo	283
<i>Traído pla alegria — quis ansioso</i>	287
Teixos	289
Amaranto	293
Notas	295
Cronologia	312
Bibliografia	315